

XIV

Adiantámo-nos, Félix e eu, ao encontro da jovem.

Marita estugava o passo, amarfanhada, aturdida.

Da Lapa, onde se localizava a habitação coletiva que vínhamos de deixar, até à Cinelândia, correrá quase.

Sentia-se tangida por todos os ventos da adversidade, expulsa da Terra. Traída nos mais íntimos sentimentos de mulher, a injúria experimentada transcendia para ela toda a noção de sofrimento. Teria agradecido ao homem que conhecera por pal o punhal ou o veneno, mas não dispunha de forças para perdoar-lhe aquela afronta. A revolta sacudia-lhe os membros. Tremia, desesperada. Na cabeça, uma ideia só, ganhando extensão: o suicídio. Ansiava atirar-se sob os carros que deslizavam à frente. Morrer... desaparecer... meditava, chorando. Entretanto, era preciso viver um tanto mais. Restava um enigma: Gilberto. Porque se esquivara, a substituir-se, cruel? Que trama teria havido entre eles? Lera-lhe a missiva, conhecera-lhe a letra. Escrevera, afirmando vir... Porque desistira? Como soubera Cláudio do encontro? Através de Crescina?

As interrogações sem resposta convulsionavam-na toda. Desvairava. Rangia os dentes, querendo gemer.

A morte, a morte!... — pedia, mentalmente, tentando apertar os lábios que se abriam sem voz.

Ainda assim iria consultar Gilberto, sugeriam as últimas réstias do sonho desmantelado. Sim,

aprovava no turbilhão dos pensamentos em descontrolo, era necesssário ouvir Gilberto... Uma vez só que fôsse. Imperioso conhecer a verdade, morrer com a verdade...

Quem saberia? Talvez que o rapaz lhe estendesse um fio de luz, por onde se desvencilhasse da sombra... Se ele dissesse: «vive, vive para mim», conseguiria esquecer o insulto daquela noite, continuando a viver... Ao contrário, tudo extinto...

Caminhando apressada e indiferente à aragem que lhe acarinhava os cabelos, repelia-nos, em espírito, as maiores demonstrações de ternura e consolo.

Nenhuma ideia que se lhe não afinasse com a repulsão.

Decididamente, se Gilberto participara da armadilha a que se arrojara, inocente, estava tudo acabado. Tão-sòmente lhe restaria o desprezo final.

Alcançou o Largo do Passeio e parou um momento... Fitou, angustiada, aquelas árvores frondosas que tanto amava... Galharias balouçadas ao vento pareciam chamá-la para abraços de adeus... Marita soluçou, teve medo, mas seguiu adiante... Varou a massa risonha que deixava os cinemas, recordou Gilberto e a menina feliz que ela fora, vendo namorados saboreando pipocas; contudo, seguiu, seguiu sempre, vencendo encontrões. Atingindo a Praça Marechal Floriano, abancou-se, vasculhando o cérebro atormentado...

Sentia-se, enfim, absolutamente sòzinha, completamente desamparada. Comprimindo a cabeça entre as mãos, queria ideias, alguma ideia que lhe ofertasse saída do antro pungente da angústia.

Debalde, irmão Félix, ao enlaçá-la, lhe assoprava conceitos de paciência e cordura, inútilmente se referia à bondade e ao perdão. Aquele coração juvenil, conquanto bondoso, figurava-se, agora, um lago límpido que vulcão oculto, de inesperado, fazia refterver. Todas as orlas abertas, em bocas de incêndio, pelas quais as ondas do pensamento fu-

giam, precipitadas. Nenhum lugar exposto à receptividade, nenhum ponto marcado ao equilíbrio e ao silêncio.

No crânio tumultuado, uma ideia surdiu, ensinando-lhe tênue fio de esperança. Telefonar!... Poderia telefonar para a residência dos Torres. Gilberto, indubitavelmente, estaria ao pé da genitora enferma. Além disso, Marina viajara pela manhã. Uma razão a mais para que se não retirasse do carinho necessário à doente. Ainda assim — refletiu —, seria muito provável que ele, a distância, lhe embalsasse a boa fé. Insopitável desconfiança amargava-lhe o coração qual raiz espinhosa. Não descortinava, contudo, saída melhor. Conversar! Ouvi-lo! Tinha sede da verdade, ansiava saber, saber!...

Raciocínios contundentes entrechocavam-se-lhe na cabeça atribulada... Não, não retornaria ao lar do Flamengo... Entre voltar à casa dos Nogueiras e morrer, preferia morrer...

Perscrutou circunstâncias, analisou-se, meditou, meditou...

Pensamento estranho assomou-lhe, de súbito. Disfarçar-se, fingir. Para alcançar a verdade, mentiria.

Entraria, sim, no jogo com aquilo que se lhe apresentou à imaginação, como sendo a cartada final.

Marita concluía que ela e a irmã, pela intimidade e pela convivência, tinham vozes semelhantes, maneiras afins. Chamaria o rapaz como sendo Marina, imitar-lhe-ia, quanto possível, o tom de palestra, repetir-lhe-ia as palavras de uso mais frequente no trato doméstico. Simularia estar voltando, inopinadamente, de Teresópolis. O moço, assim abordado, confessaria, de modo inequívoco, tudo o que sentisse, com respeito a ela própria.

A sofredora criança consultou o relógio-pulseira. Dez minutos para as nove.

Descjava ambiente familiar para a ligação.

Lembrou-se de Dona Cora, cliente da loja em Copacabana, que se lhe fizera amiga íntima e em cujo apartamento costumava telefonar, quando inevitável. Levantou-se, algo reanimada, para a busca de condução; entretanto, somente aí deu pela falta da bolsa que largara na fuga. Faltava o dinheiro, mas não desistiu. Acenou da calçada ao primeiro táxi disponível. Consultou o motorista se lhe podia fazer o favor de atender, com pagamento à porta de casa. Estava sòzinha e esquecera-se do horário. O profissional correto notou-lhe a tristeza e o acanhamento. Compadeceu-se. Alegou que recusava, sistematicamente, conduzir pessoas que encomendavam serviço, criando problemas; entretanto, no caso, faria exceção e aquiesceu.

A breve trecho, seguíamos, junto dela, para Copacabana.

No endereço indicado, saltou, fêz-se acompanhar pelo condutor ao apartamento da amiga, sendo recebida com a lhaneza que esperava. Segredou, envergonhada, para Dona Cora que se achava em apuros, se ela não dispunha, naquela hora, de algum dinheiro para emprestar. Pagaria no dia seguinte. A dona da casa, espontânea e bondosa, não titubeou. Abriu pequena gaveta e falou sorrindo: «só quatrocentos cruzeiros». O marido não estava. Marita, reconhecida, explicou que a importância bastava. Depois da corrida paga, disse para a senhora que andara em serviço extra, fora em seguida ao Leblon visitar um doente, afetando que somente naquele instante conseguiria tomar o ônibus para casa. Antes disso, porém, tinha necessidade de um telefonema. Conversação com pessoa muito íntima. Dona Cora cedeu-lhe a peça inteira e acrescentou, gentil, que ia arranjar um cafêzinho. Falasse à vontade, ninguém a interromperia. As duas filhinhas dormiam, há muito, e o esposo que substituíra um colega, no trabalho, não regressaria tão cedo. A dona da casa afastou-se para a cozinha, isolando a sala.

E, ali, diante de nós, sem que nos percebesse, de leve, os corações solidários, Marita discou, sofrendo a emoção de modo a fantasiar a alegria da outra.

Escutámos, transidos, o diálogo juvenil que nos ficaria, então, na memória, gravado frase a frase:

— Da residência dos Torres?

— Sim.

— Quem no aparelho? Gilberto?

— Sim, sim.

— Oh! meu bem, pois você não está conhecendo?

— Conhecendo quem?

— Eu, eu... Marina. Acabo de chegar...

— Ah! ah! Marina!... que surpresa boa!... porque essa demora? Venha... Estamos todos em casa, esperando... Telefonar por quê?

— Quis saber, meu amor, se você está bem, se passou bem o dia...

— Saudades!

— Eu também... Muita saudade...

— Venha.

— E a mamãe? Melhor?

— Pouquinho.

— Escute...

— Para que conversar? Corra para cá, venha logo...

— Um momentinho só... Escute. Passei rapidamente em casa, no Flamengo, para conversar com mãezinha certas coisas... Estive com duas amigas em Teresópolis que me encheram a cabeça. Estou perturbada, ciumenta...

— Que é que há?

— Marita...

— Ora... Marita! Tenho nada com ela.

— Mas eu soube...

— Soube o quê?

— Que vocês dois estão em compromisso. Sei que vocês andavam juntos, mas tanto assim não sabia...

- Bobagem!
- E' muita conversa que não pude desmentir...
- Perda de tempo. E' muita gente biruta...

Morou? (7)

- Estive com papai ainda agora...

Nesse ponto da conversação singular, a voz dela titubeou. Ouvira o bastante para reconhecer-se desdenhada, batida. Entretanto, aspirava à lia do cálice. Necessário inteirar-se acerca de quanto Gilberto havia descido. Receava descobrir-se. Indispensável toda precaução, a fim de escarpelar o insulto de que fora vítima. A pausa, no entanto, foi curta. Gilberto, no outro lado, pronunciou a deixa oportuna:

- Então...
- Explique-se.

— Bem, você naturalmente deve saber agora o que aconteceu. O velho me procurou... Ele mesmo telefonou, sabe? Conversámos pessoalmente, acertámos tudo.

- Quer dizer que Marita...

— Imagine! escreveu-me pedindo encontro. O velho soube de tudo antes e me pediu dizer que iria, mas que eu não fôsse. Entende?

— No fim de contas, como é que você se arranjou?

— Escrevi um bilhete, prometendo vê-la, mas combinei com o velho para que ele mesmo fôsse buscá-la. Ele mesmo é quem propôs a solução. Você sabe, não podia deixar de atendê-lo... Primeira vez...

— Estou perplexa, nervosa... Não compreendo...

— Ele me pediu escrever aceitando, para que Marita não ficasse chocada. Disse que ela tem estado borocoxô e prometeu que ele iria procurá-la,

(7) Expressão de gíria. "Morar" significando compreender. — (Nota do Autor espiritual.)

de modo a dar conselhos e a reanimá-la com uma boa notícia, uma excursão à Argentina...

— Como?

— Olhe lá, Argentina... Uma viagem para a Argentina...

Uma risada seguiu-se e, depois dela, a consideração sarcástica:

— Sanatório, meu bem. Sanatório ou hospício. Para Marita, só sanatório e, quanto mais longe, melhor!... Argentina para uma e Petrópolis para dois...

Nesse ponto da entrevista, a jovem baqueou.

Debruçou-se na cantoneira, inabilitada a retomar o fone, à vista dos soluços que lhe rebentavam do peito.

Escutávamos, nitidamente, a voz do rapaz, a distância, gritando:

— Marina! Marina! diga o que há, diga, diga!...

A pequenina mão encharcada de lágrimas, no entanto, repôs o fone no gancho, com a tristeza de quem cerrava, em definitivo, as portas do coração.

A moça dedicou alguns minutos ao refazimento, reconstituiu, quanto possível, a tranquilidade fisionômica e tornou à sala.

Embaraçada, referiu-se ao dinheiro emprestado. Que Dona Cora lhe perdoasse o incômodo. Se não pudesse voltar em pessoa, no dia seguinte, a companheira de seção na loja, Néli, que lhes era também íntima, faria o pagamento, considerando-se a hipótese de ela, Marita, não se achar em serviço. Bastaria procurar.

Dona Cora riu-se, cordial. Não pensasse naquilo.

Prestimosa, estendeu-lhe o café que ela aceitou, constrangida. Conversa vai, conversa vem, a amiga estranhou-lhe o abatimento, a palidez, os olhos que não cessavam de chorar. Marita explicou-se, ensaiando um sorriso que não chegou a debuxar-se. Alegou-se gripada. Tinha coriza renitente, coriza

brava. E, a propósito, indagou se ela julgava possível encontrar ainda o senhor Salomão, naquele instante, depois das dez, na farmácia vizinha. Gostaria de se aconselhar com ele sobre um antigripal. Trazia a cabeça pesada, os pulmões doloridos.

A delicada anfitriã pediu um momento e correu ao telefone para voltar, quase de imediato, dizendo que o farmacêutico a esperaria. Estava a sair do plantão, que ela não se delongasse.

Marita agradeceu, despediu-se e seguimo-la, passo a passo.

O senhor Salomão, velhinho calmo e complacente, em cujo olhar se adivinhava a brandura dos que se fazem servidores espontâneos da Humanidade nos encargos que exercem, acolheu-a, solícito.

Ocultando os intentos recônditos, a recém-chegada falou-lhe do resfriado. Afirmou sentir dores, vertigens. O boticário, de modos antigos, habituado ao ofício a representar-se de médico para os amigos, nos casos sem maior importância, pediu-lhe mostrasse a língua. Examinou-a com a prática de muitos anos, ao pé de enfermos, sem achar motivo de preocupação. Aplicou o termômetro. Nenhuma febre.

Sorriu, paternal, e aconselhou-a a ir para a casa, descansar. Não deveria aceitar serviço extra, até aquela hora da noite, comentou bonachão, e acrescentou que ela facilmente encontraria remédios para comprar, mas não a saúde. Indicou-lhe aspirina para a nevralgia, que supunha em ação, e... repouso.

A jovem recolheu os medicamentos, fez o gesto de quem se inclinava a retirar-se, satisfeita, e voltou à carga, aparentando recordar uma providência esquecida.

— Salomão — disse com decidida curiosidade a transparecer-lhe da voz —, não sei se você está lembrado de «Jóia», a minha velha cadelinha, que os meninos algumas vezes abraçaram na praia...

— Como não? Aquela inteligência de animal,

brincando de esconder!... Até hoje, os netos imitam o andar do gatinhas que ela inventou...

— Pois é — prosseguiu Marita, afetando pena nossa pequena «Jóia» está no fim...

— Que foi?

— O veterinário explicou, mas não guardei o nome da moléstia, doença incurável. Grita sem pausa, um martírio.

Continuando, falou para Salomão que o bichinho se tornara problema no apartamento. O síndico reclamara várias vezes. Vizinhos andavam contrarfeitos. Os pais aguardavam que o veterinário amigo voltasse de São Paulo, a fim de que se aplicasse a eutanásia; entretanto, haviam autorizado tanto a ela, quanto à irmã, o emprego de algum remédio que pudesse trazer o descanso final. «Jóia» estava abatida, gasta. Lamentava perdê-la, fora-lhe companheira, no Flamengo, desde quando se ausentara da escola, simples menina. Ainda assim, aditava, era preciso enfrentar os fatos e poupar ao animalzinho maiores sofrimentos. Não teria o amigo algumas pílulas adequadas? Ouvira referências a comprimidos que, administrados em dose alta propiciavam a morte, absolutamente sem dor; no entanto, não lhes conhecia o nome.

O farmacêutico, sem qualquer prevenção, confirmou. Sim, talvez tivesse no estoque alguns desses anestésicos de elevada potência e salientou que se a cadelinha foi condenada pelo veterinário não deveria ser conservada.

Convencido pelas informações reiteradas da moça, dirigiu-se a pequeno depósito, procurando, procurando...

Nisso, Félix e eu abordámo-lo, mentalmente.

O paternal benfeitor rogou-lhe examinasse a situação. Fitasse aquela menina, assim fatigada e só, além das dez horas da noite, longe de casa. Despenteada, olheiras fundas, sem bolsa, sem agasalho. Ele também, Salomão, era pai e avô sensível. Não desse orientação em torno de venenos.

Tivesse cuidado. Sossegasse aquela criança abatida com algum soporífero, fazendo-a admitir que levava o agente letal. Mentisse por piedade, mostrasse compaixão, adiando entendimento mais claro para depois.

Aquele homem, com toda a certeza, se agrida-lhara em rudes experiências para adquirir a sensibilidade aguçada com que nos assimilou os apelos, porque, de imediato, se enterneceu. Voltou-se, discretamente, para o balcão e mirou a freguesa, pela porta semicerrada, espantando-se ao vê-la, num instante como aquele em que não se supunha observada.

Marita afigurou-se-lhe uma peça do museu de cera, amarrotada, inerte. Sòmente os olhos, embora parados, se evidenciavam ativos, em razão das lágrimas copiosas.

«Oh! meu Deus — refletiu ele, desconsolado —, isso não é coriza, isso é dor moral, dor terrível!...»

Salomão renunciou à pesquisa iniciada e sacou de largo recipiente de vidro alguns sedativos comuns e tornou-lhe à presença. Fingiu despreocupação e apresentou-lhe os comprimidos, asseverando:

— São estes. Para a cachorrinha, no estado de que você fala, basta um.

— Tão violento assim? — perguntou a jovem, diligenciando reanimar-se.

— Isso é uma bomba de aplicação muito rara.

Aparentando-se embaído, para angariar-lhe a confiança, o boticário paternal alegou, porém, que só forneceria ante a receita médica. A responsabilidade pesava-lhe, muito grande.

Ela, contudo, insistiu. Que o farmacêutico não duvidasse. O veterinário assinaria o papel. Consultou se poderia adquirir dez unidades. Melhor agir na certa. Não aguentava mais os gemidos ao pé do leito.

Salomão refletiu, refletiu... Voltou ao depósito

e escolheu dez comprimidos calmantes, de potencialidade suave. Se ingeridos por ela, funcionariam benêficamente, prodigalizando-lhe sono reparador. Marita agradeceu e despediu-se.

Salomão recomendou-lhe repouso, juízo.

Seguimo-la, de perto.

Vagarosa, atravessou dois quarteirões pela frente, ganhou a Avenida Atlântica e acolheu-se num bar.

Solicitou um copo de água simples, sem gás, em recipiente de plástico. Delicadamente atendida, transpôs o asfalto, pulou do calçamento de pedra no lençol argenteado de areia e acomodou-se no lugar que lhe pareceu mais escuro...

Aspirava a morrer, ao pé do mar, daquele mar sereno e bom que nunca a enjeitara, refletia com lágrimas... Queria partir, contemplando aquele mar que a beijava sem malícia...

Antes do gesto que considerava supremo, recordou a mãezinha que não conhecera e supôs-se mais infeliz. A genitora, não obstante desprezada pelo homem a quem se entregara, conseguira um teto para o momento do grande adeus. Ela não. Fora maltratada, espezinhada, escorraçada. Devia partir do mundo com um nome emprestado que detestava, agora... Classificava-se por lixo da terra, supunha desafogar a todos, renunciando à existência. Rememorou as manhãs felizes em que desfrutara, ali mesmo, tantas vezes, o ar puro que vinha das águas e o agasalho do Sol. Parecia rever a massa domingueira, fraternalmente confundida na carícia da espuma. Atenta, imaginava-se ouvindo, de novo, a algazarra das crianças, lançando a bola ou manejando a peteca... Sim, não possuía um lar para morrer, mas dispunha da praia, hospitaleira e amiga, que reunia desconhecidos, aos milhares, sem nunca fazer-lhes perguntas indiscretas, a todos abraçando por verdadeiros irmãos...

Lamentou-se e chorou, longo tempo, enquanto

Félix e eu esperávamos que dormisse para enfrentarmos os problemas eventuais.

Marita despejou os dez comprimidos na boca e engoliu-os de um sorvo com água pura. Em seguida, arrimou-se no encosto do passeio de pedra, qual se se dispusesse a meditar... Dos olhos, penderam as lágrimas que ela acreditou fôsem as últimas e deixou que a brisa lhe afagasse os cabelos.

Brando torpor anestesiou-a.

Consultámos o horário. Cinquenta e cinco minutos depois da meia-noite.

Félix orou por instantes.

Não pude compreender, de imediato, se por obrigações de vigilância ou se correspondendo aos apelos do instrutor, dois rondantes desencarnados apareceram, ofertando serviço. Félix aceitou, reconhecido, e, enquanto os recém-chegados passaram a velar, ele e eu empreendemos a tarefa restaurativa. Providências para que a jovem não se afastasse, em espírito, do corpo desgovernado, passes reconfortantes nos centros de força, estímulos variados em diversas seções do campo cerebral, insuflações nos vasos sanguíneos. Operações minuciosas e demoradas. Acupuntura magnética do plano espiritual, em que o orientador patenteava notável mestria.

Quase quatro horas foram despendidas, ao fim das quais, Marita repousava tranquilamente.

Reconfortado, via nos olhos do benfeitor a esperança luzindo... Nisso, porém, um «gari» asselvajado largou a rua e caminhou em nossa direção, regando a areia... Dando com os olhos na menina adormecida, sentiu-se mordiscado de curiosidade. Não valeram recursos manobrados pelos vigias. O fanfarrão, relativamente moço, avançou para ela e sacudiu-a, rouquejando: «acorda, vagabunda», «acorda, vagabunda».

Feriram-se-me as fibras do sentimento, não só pela criança injustamente maltratada, mas também pela imensa dor que se estampou no semblante de

Félix que, pela expressão agoniada, tudo daria para materializar as mãos e impedir aquele assalto.

«Acorda, vagabunda», «acorda, vagabunda»...

As palmadas estalavam no rosto, cujas lágrimas o vento enxugara, piedosamente.

Frustrados, vimo-la abrir os olhos, estarrecida.

Que homenzarrão aquele que, ao vê-la estremecer, não se pejava de comprimir-lhe o busto com as mãos libidinosas?

Não obstante atordoada, perguntava a si mesma se teria morrido, se estaria no inferno renteando com um demônio...

Intentou gritar, mas a garganta esmorecera.

Mesmo assim, ergueu-se, aterrada, e aligeirou o passo, cambaleante. Superando embarços, ganhou a calçada em que um banco orvalhado convidava ao repouso, porém, não dispunha de serenidade para assimilar-nos as sugestões. Pisou, atarrantada, no asfalto, indiferente aos princípios do trânsito... Oscilou, aqui e ali, estremunhada...

Automóveis deslizavam velozes, lambretas estrondeavam em correria. Pedestres iam e vinham, diligenciando alcançar o trabalho a distância ou regressando ao aconchego doméstico, depois das atividades noturnas. Agitavam-se funcionários da limpeza e veículos ocupados em serviços da madrugada.

Preparava a cidade o dia novo.

Seguíamos a pobre menina, espíritos contundidos por amargos presságios.

Parecia-me Félix um educador venerando, repentinamente descido a saracoteios na via pública, no propósito de salvar uma criança querida. Entre simpatia e respeito, eu acompanhava, penalizado, o grande instrutor que se apequenava e se afligia por ajudar...

Rapazes semi-embriagados na esquina próxima, ao fitarem Marita, vacilante, gargalharam, invectivando: «tipa de pileque! tipa de pileque!» Motoristas de passagem gritavam-lhe injúrias, e, sem

que aparecesse algum braço humano que a sustentasse no atordoamento que lhe impunha reiterados tropeções, foi colhida e projetada a pequena distância, por automóvel em velocidade excessiva, qual trapo de carne que se arremessasse, violentamente, no chão.

O carro chispou, transeuntes acorreram.

Moças que regressavam de excursões alegres gritaram, alarmadas. Uma delas prorrompeu em choro histérico, sendo contida à força. No trânsito interrompido, em que debalde se buscava positivar responsabilidades, todos os veículos despejavam curiosos que se reuniam em torno da jovem, inerte.

O corpo planara, a cabeça batera contra a pedra e, em seguida a curta reviravolta, caíra de bruços.

Pessoalmente, achávamo-nos atônitos. Não contávamos com experiência bastante para ocasiões qual aquela em que o desastre consumado exigia improvisações. Todavia, entre os clamores de quantos apelavam para o socorro policial, irmão Félix sentara-se no asfalto. Aplicando vigorosos estímulos magnéticos sobre a cabeça da menina acidentada, fê-la cobrar energias para ganhar, mecânicamente, o decúbito dorsal, a fim de que respirasse indene de maiores dificuldades, através de movimentos que, para muitos dos circunstantes, significavam esgares da morte.

Marita aquietara-se de todo.

Tive a nítida impressão de que a base do crânio se fraturara, mas não me era lícita qualquer inquirição. A carga emocional pesava em demasia, para que me fôssem possíveis quaisquer considerações de ordem técnica.

O irmão Félix, na atitude dos pais, profundamente humanos e sofredores, acomodava-se de tal modo que a cabeça da jovem se lhe estendia no regaço. Erguendo as mãos sobre as narinas em

sangue, levantou os olhos e orou em voz alta, que eu destacava da multidão em crescente vozerio:

— Deus de Infinito Amor, não permitas que tua filha seja expulsa da casa dos homens, assim, sem nenhuma preparação!... Dá-nos, Pai, o benefício do sofrimento que nos consinta meditar! O' Deus de amor, mais uns dias para ela, no corpo dolorido, algumas horas só que sejam!...

Calou-se o instrutor, como qualquer criatura terrestre, machucada de angústia...

Logo após, acenou para mim e recomendou-me demandar o apartamento do Flamengo, para observar o que seria razoável obter, no tocante a medidas de auxílio. Que eu procurasse Cláudio ou Márcia, que lhes suplicasse apoio, compaixão. Ele, Félix, inspiraria alguém a telefonar. Os Nogueiras estariam entre ele e mim, a fim de que se inteirassem do acidente e fôsem mentalmente movidos à piedade... Permaneceria ali, velando, fazendo quanto pudesse para que a desencarnação imediata não se verificasse... Quando eu voltasse do Flamengo, reunir-nos-íamos de novo...

Ao vê-lo assim humilhado na abnegação de que dava testemunho, arranquei-me à pressa, não só para atender à incumbência, mas também para desabafar-me. Às vezes, é preciso que as lágrimas nos sirvam de confidentes, quando não haja alguém que nos ouça... Tanto trabalho daquele benfeitor sublime para salvar uma criança gravada de duras provas!... Tanto sacrifício de um orientador, cuja grandeza se quintessenciara nas Esferas Superiores, para ofertar-lhe os braços; entretanto, o malogro de tudo se me afigurava inevitável...

Antes que me arremessasse, da Avenida Atlântica para o Túnel Novo, ouvi muitas vozes que se elevavam, exclamando: «morta!... morta!...» Incapaz de sopitar as lágrimas, voltei-me para contemplar no rosto do irmão Félix o efeito de semelhante notícia, concluindo comigo mesmo: «tudo inútil, tudo inútil!...» Mas, vigoroso impacto de

esperança me banhou o coração!... Tive a ideia de que fontes imponderáveis de energia jorravam do firmamento claro e estrelado sobre aquele recanto de Copacabana, que o mar acariciava de perto, como a rogar-nos confiança em Deus, na linguagem ciciante das ondas!...

Não!... A batalha não arrefecera!...

Tínhamos conosco o suprimento do amor e a luz da oração!... Nem tudo estava perdido...

O benfeitor, guardando paternalmente nos braços aquela criança desfalecida, fixava os olhos nas alturas e, recolhido a profundo silêncio, parecia agora falar com o Infinito.

FIM DA PRIMEIRA PARTE